

O PSICOLINGÜISTA CONVERTIDO*

Eleonora Albano (UNICAMP)

Para Leonor Scliar

Era uma vez um jovem chamado Stefano, que tinha desistido de uns três cursos universitários até fazer Comunicação. Stefano se formou jornalista e, como já havia mexido com Matemática, Física, Psicologia, etc, acabou arranjando um emprego na seção de ciência e tecnologia de um jornal de grande circulação.

Um dia o editor científico chamou Stefano e disse:

- Ouvi dizer que tem uns caras aí fazendo pesquisa num troço chamado Psicolingüística. Dizem que, se a coisa der certo, daqui a pouco vai ter bebê falando com dois meses de idade. Quero uma matéria sobre isso pra ontem.

* Este texto foi redigido no prazo de 24 horas para servir de base à prova didática do concurso de Livre Docência na disciplina Psicolingüística, realizado a 16 e 17/12/86 pelo Departamento de Linguística. O ponto sorteado foi "Problemas Metodológicos da Pesquisa em Psicolinguística". Conforme o regulamento do concurso a aula ministrada a nível de graduação, com a duração exata de cinquenta minutos. Submeto, agora, o seu texto integral, sem retoques, a um público acadêmico mais amplo, com o fim de contribuir para o debate instaurado neste Instituto sobre o ensino de graduação. Como se poderá depreender deste exercício, sou favorável, de forma provocativamente irreverente, à pedagogia do humor sugerida por Roberto Romano em "A Superior Maestria do Riso" (Folhetim, 2/6/85). Esperando desagrarar franzidos sobrolhos, esclareço que o meu riso é uma homenagem a todos os que aqui se reconhecerão. Destaco, em particular, a Profa. Cláudia Lemos, os demais membros do Projeto de Aquisição da Linguagem, da UNICAMP, os psicolingüistas do Centro de Estudos Cognitivos, da UFPE, a Profa. Miriam Lemle, da UFRJ, e a Profa. Leonor Scliar, da UFSC, a quem dedico mais este desacato, por quinze anos de conversas bem-humoradas.

**O título alude a uma outra travessura estilística, com a qual venho obtendo excelentes resultados didáticos desde 1984, a saber: "O Psicolingüista Ressurreto", publicado em Aquisição de Linguagem, Série Estudos II, Uberaba, 1985, pp. 11-17.

Stefano, que detestava bebês, principalmente os chorões, tentou passar adiante o abacaxi. Mas foi em vão. Sua colega Daphne, mãe de uma ninhada e mais anti-ga na seção, estava embarcando pra Brasília justo naquele dia. Ia cobrir um seminário - promoção do CNPq - sobre metodologia da pesquisa científica no País.

- Te vira que depois te dou uma mão, garantiu Daphne. E vê se não esquece de descolar uns lances de metodologia pra mim nesse barato.

A primeira providência de Stefano foi fazer alguns contatos telefônicos. Foi aí que começou a grande confusão. Um pesquisador de São Paulo comparou as crianças aos cães do velho Pavlov e assegurou que elas aprendiam a falar associando sons a estados orgânicos como sede, fome, sono. Outro, de São Carlos, insistiu que quem tinha razão era Skinner: os pais reforçavam ou puniam os sons espontaneamente emitidos pelas crianças. Uma senhora do Recife falou que condicionamento já era e que o quente era a episterologia genética de Piaget. Outra, de Carpinas, disse que a criança devia ser sempre observada em interação com os outros e, em particular, com a mãe. Mas quem fundiu a cuca do Stefano definitivamente foi uma veneranda professora de Florianópolis:

- Sinto não poder atendê-lo agora. Terei prazer de ajudá-lo. Volte a ligar à tarde. Estou bem no meio de um experimento dicótico.

Ao indagar brevemente sobre o significado do termo, Stefano aprendeu que Psicolinguística não se faz só no campo (é assim que os psicolinguístas chamam a casa e a escola). Aprendeu também que as suas ferramentas cotidianas não são só o gravador, o equipamento de vídeo e a brinquedaria. Existem até - veja só que luxo! - laboratórios onde daria pra transar um som incrível (que os psicolinguístas não nos ouçam...). Mas o pior de tudo foi saber que em Florianópolis a turma está fazendo experimentos com adultos. Afinal, essa parafernália toda não tinha por objetivo ensinar a criança a falar?

Outro telefonema faz enfim piscar uma luz no fundo do túnel. Uma linguista do Rio, indicada por uma amiga de Daphne que fazia pós-graduação, declara que certas propriedades matemáticas das línguas naturais sugerem fortemente que a linguagem é inata. Stefano compreende, aliviado, que desse jeito não faz diferença estudar criança ou adulto. O importante é saber como essa coisa inata é posta em ação. Encorajado, apressa-se em tentar outra ligação pra Santa Catarina. A professora dicótica decerto o ajudaria a resolver essa questão. Responde ela, simpática, em meio a novos experimentos:

- Não se precipite. Seria temerário nesse estágio desprezarmos o papel do ambiente físico, social ou cultural.

Atordado, Stefano agora não consegue decidir sequer quem entrevistar. As dicas são tão contraditórias que parece mais fácil se aventurar sozinho na busca de unidade. Passa numa livraria e encontra títulos como "Criança Diz Cada Uma", "A Linguagem do Seu Filho", etc. Folheia cabreiro e resolve procurar um pouco mais, até que, lá pela sexta tentativa, depara-se com uma estante onde aponta o nome Psicolinguística ao lado do de um tal de Dan Isaac Slobin.

Quando está em casa lendo sossegado, Daphne bate um fio de Brasília. Diz que lê o pau está correndo solto entre cientistas naturais e sociais. Ocorre a Stefano perguntar que tipo de ciência é a Psicolinguística. Daphne também não sabe, mas começa a elencar os métodos mais típicos de cada facção. Inútil ajuda: parece que a Psicolinguística tem um pouco de cada coisa.

Stefano passa horas no telefone, conversando com Recife, Campinas e Florianópolis. Nos intervalos, lê Slobin e sai à cata de bibliografia. Com o auxílio de um amigo que trabalha na biblioteca da USP, descobre alguns manuais mais recentes, todos em inglês, francês ou alemão. Gasta uma nota de xerox e leva a pilha para casa. Mas a tarefa de lê-los lhe parece sobrehumana.

- O senhor bem que podia me dar as passagens pra eu entrevistar as três mulheres. Que que custa? De ônibus não é tão caro assim não senhor.

- Tá brincando, ô cara?! Desde quando eu tô aqui pra sustentar viagem de malandro? Trata de entrevistar a dondoca que tiver conseguindo os melhores resultados e ponto final!

- Melhores resultados?! Não tô entendendo. O que que o senhor chama de resultados?...

- Fazer a pivetada falar mais cedo, é lógico.

- Falar mais cedo?!

- Ou ler, ou escrever... Ora, tenha a santa paciência!...

- Tenha mesmo. Porque todas elas me dizem que não podem fazer isso.

- Problema seu. Faça elas fazerem. E logo.

Stefano não resiste e faz outro interurbano pra desabafar com Daphne, que tenta consolá-lo dizendo que em Brasília agora todo mundo está discutindo a dependência da metodologia em relação à episterologia. Pior a errenda que o soneto. Era antiga a briga de Stefano com a tal da episterologia. Por causa dela, ele havia deixado há anos o curso de Psicologia. Por causa dela, ele fizera também uma peregrinação por aulas e leituras de filosofia da ciência que acabaram por tornar o curso de Física intolerável.

Episterologia não. É pepino demais pra um cara só. Psicolinguística pode até ser muito interessante, mas se a gente tem que passar por isso pra dobrar o chefe... Pro inferno com a matéria, então!

- Juízo, meu gato. Fica frio que eu tô embarcando praí

Stefano comemora sozinho a liberdade. Um, dois... dez chopps. Saco, Daphne tá dando uma de mãezona nessa. Três horas da manhã. Rerredio pra porre é cara.

- Escreve a matéria, escreve...

Stefano, esfregando os olhos, dá-se conta que alguém lhe sussurra algo no ouvido.

- A gente precisa dessa chance de aparecer...

- Quem é você?

- Eu? Você me conhece, garoto. Sou Aníma.

- Aníma?

- É. Muitos preferem me chamar pelo nome grego, mas a sonoridade latina combina melhor com o meu tipo.

- Tipo?

- É. Sou aquela que reina sobre o território que você um dia abandonou...

- Ai, meu saco! Corta essa, coroa! Cê pensa que eu acredito que um bucho como você pode reinar numa boa sobre os segredos da alma humana?

- Deixa de besteira, fedelho! Eu lá sei de segredo coisa nenhuma... Minha função é administrar o lugar onde um bando de gente meio louca fica cavando atrás desses segredos. Se você parar com essa bobagem te levo lá pra ver.

Stefano aceita intrigado, com a condição que Anima lhe mostre o lugar onde se cavam os segredos da linguagem. Nem nota, na hora, o mal-estar que agrava as feições da dama.

Nos portais do reino, Anima e Stefano são recebidos por dois grupos de cientistas. São os estudiosos da mente e do comportamento. Stefano puxa o caderninho e pergunta como e o quê estudar. Uns respondem que é uma realidade que vai muito além do observável e que, portanto, deve ser reconstruída com imaginação e astúcia pelo investigador. Outros dizem que o observável é um espelho da realidade e que o que precisa ser desenvolvido é a capacidade do investigador de o explorar. Entre os primeiros, Stefano encontra gente que se diz psicólogo social, cognitivo ou psicanalista. Entre os segundos, defronta-se, na maior parte, com os indefectíveis psicólogos (com as mesmas denominações e outras, como "experimentais"), mas também com etólogos, etnógrafos e até sociólogos. Daphne tinha razão. Coitada da Psicolinguística, se nem a Psicologia sabe se é uma ciência natural ou social.

De repente um homem ruivo fura o cerco dos eleitos de Anima e aborda Stefano mesurosamente:

- Soube que você está fazendo uma reportagem sobre o meu livro. Venha que tenho umas coisas pra lhe mostrar.

Slobin em pessoa viera conduzir o nosso herói à terra prometida. Stefano agarra-se à oportunidade de tirar suas dúvidas sobre o livro enquanto viajam ruro à província longínqua.

- É terra boa que plantando dá, acena, de casaca, um velho barbudo do alto de um monte bruroso.

Slobin sacode a comichão e começa a dar uma panorâmica no terreno. Aqui tem gente trabalhando com crianças, como já era de se esperar. Ali adultos preenchem testes ou escutam com fones de ouvido misteriosos sons saídos do computador. Lá uma gente de branco conversa com uma gente sofrida que, por obra de um acidente, por pouco perdera a capacidade de falar. Mais além - dá pra acreditar? - um bando de gente munida de belas réquias se apresenta como capaz de puxar altos papos com macacos. Diante da perplexidade de Stefano, Slobin esforça-se por demonstrar que a diversidade é profícua e que é a complexidade do campo que faz com que cada um tenha algo diferente a perguntar.

- Mas tem que ter alguma coisa em comum, inquieta-se Stefano.
- Mas tem, responde Slobin. Esse troço em comum é a gramática.
- Gramática?
- É. Todo o mundo aqui crê que, pra aprender ou usar uma língua, é preciso conhecer as regras, as categorias e as relações de uma gramática.

Porra, será que baixou nele a nossa amiga Lé do Rio? Depois do papo com ela, Stefano bem que se esforçara pra entender o que significa esse negócio de gramática. Não fora longe, porém. Pra ele, gramática era uma espécie de joguinho de arrumar cheio de regras em que as peças são coisas charadas nores, verbos, fonemas, morfemas, etc.

- Isso mesmo. Não é simples?
- Isso mesmo como? Se gramática é essa porcaria aí, como que criança aprende a falar direito em vez de ficar brincando toda a vida com as pecinhas?
- É porque elas já vêm com tudo pronto pra escolher a gramática certa.
- Pô, que falta de graça! E macaco? Vai ver que macaco é mais esperto que criança...

Uma mosca entra e sai da boca esquecida de Slobin enquanto Anima impreca furiosa contra Stefano. Nosso amigo está simplesmente sendo acusado de ter caído nas malhas de um espião de Língua.

- Espião de língua quem?...
- Slobin. Você não vê?
- Coitado... Mas sem língua pra que que serve um espião?
- Não é isso, seu burro. Será que você não sabe que Língua é a vizinha aí do lado?

- Sei não.

- Então aprende de vez. Desde o começo do século tá tendo uma disputa de terras por aqui. O povo dela acha que a linguagem é esse tranbolho aí de gramática: regras, categorias, relações e mais uns trechos novos que eu não estou a par. Já o povo daqui acha que linguagem é uma coisa muito mais simples. Só não sabem se é mental ou comportamental. Essa briga só já dá muita confusão aqui. Agora imagine ela vendendo por aí essa idéia que linguagem é uma coisa matemática, lógica ou lé o que seja...

- Que que tem, ô coroa? Num é legal a linguagem ser essa piração?
- Ai, meu pai do céu! Arre pia carreira logo, ô guri, senão te dou uma coça pra você aprender que desaforo tem hora...

Stefano já está roncando em sua cama quando ouve num crescendo o toque de alvorada. Vai até a janela e grita inconformado:

- Me deixa dormir, seu louco! Agora vai encanar comigo logo depois de um pesadelo?...
- Também, quem mandou você dar ouvidos àquela tal de Psiquê?
- Psiquê... Psiquê... Ué, não era Anima o nome da dona?
- Isso é frescura dela pra esconder a idade.

- ?

- Sou Glossa, às suas ordens, anuncia a dona do clarim.

Cacilda, cassetete, caçarola. Vai um mortal dormir com esse barulho. Stefano tem vontade de mandar mais essa dama pra todos os lugares que conhece. Sua raiva aos poucos vai cedendo (o prêmio é alto) à tentação de visitar o reino dos estudos da linguagem...

A primeira mancada que dá é tropeçar em Chomsky, que está fazendo uma pregação política pra uns poucos gatos pingados num anfiteatro enorme. Salas menores ao lado abrigam lousas repletas de fórmulas onde ex-alunos seus tentam explicar suas idéias para a multidão dos seus atuais alunos.

Depois de percorrer todo o setor, Stefano transmite suas impressões a Glossa:

- Que porre isso aí, heim, coroa!

- Que nada, gatão! Aqui o porre de um é o barato do outro. Já vi que esse setor aí só serve pra gente mais disciplinada que você. Mas tem variedade aqui pra ninguém botar defeito. Ven que eu vou te mostrar os nossos setores metodologicamente mais arrojados...

- Metodologicamente mais arrojados... que estória é essa?

- Presta atenção. Neste setor aqui o pessoal tá muito a fim de rigor, então tem que esquecer que a linguagem é uma coisa da vida e tratar ela...

- Como uma coisa da morte.

- Não brinca com essas coisas. Tem que tratar ela como se fosse objeto físico... um cristal, uma coisa assim. Uma coisa que a gente tem que entender a estrutura dela, compreende?

- Compreendo. E daí? Cadê o arrojo?

- Eu já te disse que o arrojo tá do lado de lá.

- Do lado de quem?

- Pera, você não me deixa falar. O arrojo tá do lado de quem tolera afrouxar um pouco o rigor enquanto tenta enxergar outras coisas...

- Que coisas?

- Ora, tudo que circunda a linguagem e tem gente que acha que faz parte dela...

- A máquina de escrever, por exemplo.

- Gracinha acaba enchendo, sabia? Aqui tem muita gente mais séria que você que mexe com coisas perigosas, como o texto, o contexto, os usos sociais da linguagem, a argumentação, as intenções do falante, as expectativas do ouvinte e até com a subjetividade.

- E dá pra mexer com essa coisarada toda?

- Olha, meu caro: eu aqui só administro. Não quero saber se dá ou não dá. Só me interessa que a coisa saia feita. Quem não produz não...

- Ai, como eu conheço isso...

- Ahm?

- Nada não. Escuta aqui, o coroa, dá pra me mostrar um pouquinho do que essa gente tá fazendo por aí?

Stefano percorre uma a uma as prolíficas sub-áreas da Linguística mais recente, ora respeitando, ora ignorando fronteiras tradicionais como Fonologia, Gramática, Semântica, Pragmática. Não demora muito a entender por que Anima, enciumada, insiste em acusar Slobin de espião de Língua. Ou melhor, de Glossa.

Embora a tournée tenha sido longa e cheia de surpresas, uma coisa deixa Stefano insatisfeito. É que em nenhum momento ele sentiu que a fronteira de Anima tenha sido sequer avistada... cruzada então...

- Passamos por lá sim. E várias vezes. Mas o gato aí nem notou.

- Sério?

- Sério. Deve ser porque agora tudo é a mesma coisa.

- Mesma coisa como?

- Mesmíssima coisa. Te explico. Quando a gente usa uma abordagem descritiva lógico-matemática, a gente tá fazendo ciência da mente. E quando a gente usa uma abordagem interpretativa antropológica, sociológica ou coisa que o valha, a gente tá fazendo ciência do comportamento. Morou?

- Lógico, coroa. Até que de vez em quando pinta uma clareza por aqui. Mas e os psicolinguistas, coitados, comé que ficam nessa?

- Simples: ficam ou aqui ou lá.

- Ou aqui ou lá? Ué, comé que pode?

- Tem mistério não, meu chapa. Os caras ficam aqui quando têm mais interesse na estrutura da linguagem. E ficam lá quando têm mais interesse na estrutura do comportamento. De um jeito ou de outro tá tudo bem.

- Mas é certeza que os caras sabem que têm mais interesse na linguagem ou no comportamento?

- Tem problema não. Quando não sabem ficam andando pra lá e pra cá feito o Slobin.

Brabeira de porre. Um Sonrisal talvez dê uma força. Stefano bola uma desculpa, liga pro chefe e mergulha de novo na cara. Ao acordar, à tarde, senta direito na máquina de escrever.

Na madrugada seguinte a matéria estava pronta. Stefano escreveu uma denúncia contra a crença na possibilidade de uma intervenção tecnológica nos processos de aquisição e de uso da linguagem.

Seu argumento era límpido e dividia-se em duas partes. Primeiro ele afirmou que a ciência que se encarrega do estudo desse objeto, a Psicolinguística, tem ciões epistemológicas tais que os conflitos metodológicos se tornam inevitáveis. Quem vê a linguagem como cálculo não consegue focar o seu aspecto comportamental. Quem vê a linguagem como comportamento não consegue focar a sua especificidade estrutural, isto é, esquece que falar ou escrever não é a mesma coisa que andar ou tocar piano. Concluiu, então, essa parte dizendo que ainda estamos muito longe de uma descrição psicológica integrada e compreensiva da linguagem. Em seguida passou a re-

sumir argumentos selecionados de filósofos e lingüistas contemporâneos para mostrar que é impossível prever todas as leituras possíveis de um texto ou enunciado. A partir disso concluiu que os espaços para a criatividade na linguagem são muito maiores do que qualquer visão tecnicista poderia tolerar. Finalmente intitulou o texto "Problemas Metodológicos da Pesquisa em Psicolingüística" e zarpou correndo pra redação.

- Despedido eu?
- É. Sumariamente despedido.
- Sem explicação?
- Sem explicação.

Confusão, gritaria. Era Daphne bradando frenética contra o jornal inteiro enquanto Stefano sacudia os ombros corredor abaixo.

Seis meses depois, liga um amigo de Daphne, advogado. Stefano tinha ganho de causa e seria readmitido e indenizado.

- Só que agora, meu nego, já ficou meio tardinho.
- Antes tar...
- É. Mas eu me matriculei no IEL e agora tô nura boa curtindo a minha paixão pela pós-graduação.
- Quem diria que tu ainda dava uma de bardo, heim, meu.